



SENDO SEM QUERER SER, EU OU OSWALD: IMPACTOS DE OSWALD DE ANDRADE EM GLAUBER ROCHA¹

BEING WITHOUT WANTING TO BE, ME OR OSWALD: IMPACTS OF OSWALD DE ANDRADE ON GLAUBER ROCHA

Jonatas Carvalho*

Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia

Instituto de Estudos Comparados em Administração Institucional de Conflitos - INCT-InEAC/UFF

 <https://orcid.org/0000-0001-7113-9104>
jonatas_carvalho@id.uff.br

RESUMO: O objeto deste artigo é trazer à luz uma série de referências que o cineasta Glauber Rocha fez ao longo de sua vida, ao modernista Oswald de Andrade. Trata-se de um trabalho que envolve a pesquisa histórica com seleção de documentação primária, por outro lado, é também um trabalho sobre a produção intelectual de um dos mais importantes nomes do Cinema Novo e sobre sua relação com a literatura. Em especial, procura demonstrar o efeito que Oswald causou em Glauber.

PALAVRAS - CHAVE: Glauber Rocha; Oswald de Andrade; osvaldandrade

ABSTRACT: The point of this article is to bring to light a series of references that the filmmaker Glauber Rocha made throughout his life, to the modernist Oswald de Andrade. It is a work that involves historical research with selection of primary documentation, on the other hand, it is also a work on the intellectual production of one of the most important names of Cinema Novo and his relationship with literature. In particular, it seeks to demonstrate the effect that Oswald had on Glauber.

KEYWORDS: Glauber Rocha; Oswald de Andrade; osvaldandrade

¹ Dedico este trabalho a Paloma Rocha, filha de Glauber Rocha e Helena Ignez, que herdou de dona Lúcia Rocha, sua avó (mãe de Glauber), a missão de lutar pela conservação do acervo de Glauber. Recentemente, graças a uma parceria junto ao Governo do Estado da Bahia e a Cinemateca da Bahia, o Acervo Glauber Rocha Digital está em pleno andamento.

* Meu agradecimento especial a Luciana Operti, produtora cultural e arquivologista, sem a qual este artigo não teria surgido. Luciana está diretamente envolvida na organização do Acervo Glauber Digital, concedendo-me uma pequena contribuição no projeto, o que me permitiu acessar a vasta documentação produzida por Glauber Rocha e a partir desse contato perceber as inúmeras referências que Glauber fez a Oswald.

** Historiador, professor de História da Arte, doutor em Sociologia e Direito (PPGSD) da Universidade Federal Fluminense. Escreveu *O viajante aprendiz – Mário de Andrade, a expansão do Modernismo e a integração do Brasil*, in: *Contrapontos: ensaios sobre interpretações do Brasil*, Carmen Felgueiras (Org.), Rio de Janeiro, Gramma Editora, 2022.

*Osva dran da dá
 dó ló só fá
 Osva d'Andrade
 MIRÉ FÁ LÓ
 Dradosva dó d'Andra
 CÔ MÉ QUI Ê
 OSVADRADONDE
 OSVANDRADE
 SOL MA FÉ LI
 ME QUÉ CU MÉ
 Osva Drade
 Osvanandrado
 Osva
 VI VÁ
 OSDROLANDRADO*

Poema de **Glauber Rocha** sem data.²

GLAUBURANDO

Nascido Glauber Andrade Rocha em 1939, herdando o Andrade da mãe e o Rocha do pai, a criança de Vitória da Conquista, aos nove anos, mudou-se com a família para Salvador. Aos quinze, estudava em um colégio público, envolvia-se com atividades ligadas ao teatro, à poesia e à literatura. Aos dezessete, criou sua primeira produtora, a Sociedade Cooperativa de Cultura Cinematográfica Yemanjá. Ao se casar, em 1959³, estando ele com apenas vinte anos, foi obrigado a alterar seu nome. Por escolha própria passou a ser Glauber Pedro de Andrade Rocha. Aos vinte e cinco anos, com o sucesso de “Deus e o Diabo na Terra do Sol” (1964), ficou famoso como Glauber Rocha, mas, para sua turma da Bahia era mesmo Glauburu. Seu primeiro nome, escolha de D. Lúcia, sua mãe, veio de uma leitura que ela fez da biografia do químico alemão Johann Rudolf Glauber, descobridor do sulfato de sódio, também conhecido como “sal de Glauber.”⁴ O nome artístico fez desaparecer o Pedro e o Andrade: do primeiro, ao que parece, ele nunca fez qualquer outro uso, já o segundo, por algumas vezes, o reivindicou. O

² ROCHA, Glauber. *Poema sem título*. Acervo Glauber Rocha, Tempo Glauber, subsérie Poesias, notação n°: GR.PI.0115.1-1, s/d.

³ João Carlos Teixeira Gomes, na obra de caráter biográfico, *Glauber Rocha, esse vulcão*, explica que para se casar com Helena Ignez, o padre exigiu que Glauber fosse batizado, já que vinha de família protestante por parte de sua mãe. O nome Pedro foi escolhido em homenagem ao avô paterno. (p.3).

⁴ GOMES, J. Carlos Teixeira. *Glauber, esse vulcão*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997. p.3

Andrade de Glauber não tem qualquer relação com o de Oswald⁵, o que não impediu o cineasta baiano de fazer paralelos, como veremos ao longo deste texto.

O objetivo deste trabalho é localizar as impressões que Oswald deixou em Glauber, ou entender como Glauber compreendeu Oswald e o utilizou. Procurei, ainda que modestamente, pontuar possíveis impactos do pensamento do modernista em sua produção intelectual. Em respeito a ambos, evitei aqui uma escrita academizante em demasia, pois tanto um quanto o outro procuraram comunicar suas ideias fazendo uso de uma linguagem de fácil compreensão, rompendo com as estruturas clássicas, uma vez que conheciam e denunciaram as relações de poder que envolvem as normas cultas da língua.

A pouca bibliografia utilizada, muito útil para efeito de contextualização, também me serviu para estabelecer algum diálogo com a literatura existente que procurou demarcar as relações entre Glauber e os modernistas. Todavia, essa bibliografia ocupa um pequeno espaço no texto, já que o objetivo maior é trazer à luz a documentação original e os manuscritos produzidos por Glauber Rocha ao longo de sua jornada. Em especial, dediquei-me a alguns roteiros, anotações, poemas, textos autobiográficos e artigos.

Inicialmente, concordo com João Carlos Teixeira Gomes, o Joca, quando afirma que apesar da existência de um verdadeiro “rosário de epítetos”, construído na tentativa de qualificá-lo, Glauber, antes de tudo, era múltiplo, um criador de mente inquieta e profusa: um vulcão.⁶ A segunda concordância é com Ivana Bentes, para quem Glauber não pode ser aprisionado no “gueto” do cinema, ele foi muito mais que um cineasta, sua produção intelectual extrapolou os limites da cinematografia. Ainda de acordo com a pesquisadora, Glauber foi “sujeito do discurso, sujeito do desejo, ator no processo político e econômico”.⁷ Estas duas sentenças guiaram esse texto.

Há de se acrescentar que Glauber foi um leitor voraz. Explicar as motivações de quem quer que seja, para fazer isso ou aquilo, não é tarefa fácil. Ele era sedento por conhecimento, teve dentro de casa seu primeiro grande exemplo, Dona Lucinha, sua mãe. Sua voracidade por leitura, no entanto, parecia estar ligada a um desejo pulsante de se comunicar, o que fez de Glauber um escritor obsessivo. Sua máquina de escrever era

⁵ Que por sinal nasceu com o nome de José Oswald de Sousa Andrade.

⁶ GOMES, J. Carlos Teixeira, *Glauber Rocha, esse vulcão*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997, Apresentação, p. XX.

⁷ ROCHA, Glauber. (Org. Ivana Bentes) *Cartas ao Mundo*. São Paulo Companhia das Letras, 1997. p. 9

uma arma, sua escrita, a munição, ele, um guerreiro do apocalipse⁸; “tenho de trabalhar nesta máquina de escrever como se estivesse numa dessas terríveis batalhas.” (ROCHA, 1997, p.8). Uma revelação de caráter artaudiana, segundo o poeta e dramaturgo francês: “Ninguém alguma vez escreveu ou pintou, esculpiu, modelou, construiu ou inventou senão para sair do inferno.” (ARTAUD, 2003, p.61).

A multiplicidade de Glauber pode ser localizada no seu envolvimento com as artes, desde jovem teve interesses diversos, grupos de teatro, poesia, música, passando pelo jornalismo e rádio, conciliando desde muito cedo, tais interesses com o cinema. Igualmente diversificada era sua leitura, embrenhando-se em todo tipo de gênero literário e infindáveis autores. Quanto ao Glauber leitor, aqueles que se dedicaram a estudar sua biografia, revelaram sobre suas empreitadas no mundo das letras. Ivana Bentes (1997), recupera uma carta de 1953, endereçada ao tio Wilson Mendes de Andrade, para discutir seus primeiros contatos com o universo da leitura,

Glauber lê histórias em quadrinhos, X-9, Detetive, as Aventuras do Superman, Jorge Amado, Érico Veríssimo, Edgar Allan Poe e R. Kipling; no cinema admira Charles Chaplin e Jean Cocteau; na filosofia, Schopenhauer, Voltaire, Nietzsche. (ROCHA, 1997, p. 20)

Glauber tinha apenas 13 anos quando escreveu ao tio. Na carta, o rapazinho revelava seu interesse por sua terra, sua gente e a preferência por escritores brasileiros a europeus. Dizia-se influenciado pela filosofia, mas recusava-se a se tornar um discípulo deste ou daquele filósofo. Alertou ao tio, por fim, que “nunca seria superior como Nietzsche, pessimista como Schopenhauer, ou cínico com Voltaire.” (ROCHA, 1997, p.12).⁹ Ainda na escola, pedia à mãe que lhe comprasse livros em vez de roupas. Estudou a Bíblia na Sociedade Evangélica de Moços do Brasil, ao mesmo tempo em que lia Machado de Assis e Victor Hugo. Frequentava a livraria na rua Chile e passava as tardes na Biblioteca Pública do Estado da Bahia. (GOMES, 1997. p.9).

Quanto àquelas leituras mais decisivas e arrebatadoras, João Carlos Teixeira Gomes (1997) menciona o impacto da obra de José Lins do Rego, como a influência mais poderosa e duradoura na conscientização de Glauber sobre a questão da terra nordestina. (GOMES, 1997, p. 110). O impacto de José Lins do Rego pode ser percebido

⁸ BENTES, cita uma carta de 1973, endereçada a Cacá Diegues, em que Glauber afirma: “Eu sou um apocalíptico que morrerei cedo.” pp. 11-12. ROCHA, Glauber. (Org. Ivana Bentes) Cartas ao Mundo. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.p.21. Sobre Nietzsche, Glauber escreveu em um ensaio “Assim falou Zaratustra: o primeiro livro que li na vida” (ROCHA, s/d, p.16, notação nº GR.PI.0106.1-22-23, Pasta 09).

nos dois filmes mais aclamados de Glauber: “Deus e o Diabo na Terra do Sol” (1964) e “O Dragão da Maldade Contra o Santo Guerreiro” (1968). Outros dois autores fundamentais sobre a temática nordestina seriam Graciliano Ramos e Jorge Amado.

ARREBATAMENTOS: GLAUBER E AS YNTERPRETAÇÕES DO BRASYL

As referências literárias estão por toda parte na produção intelectual de Glauber Rocha, servem como alicerces nos seus textos mais densos, mas também podem ser facilmente localizadas naqueles mais simples, como anotações ou versos. Em seus roteiros, a literatura, a filosofia, a ciência política são confrontadas com a sabedoria popular e ancestral, o que demonstra sua capacidade de extrapolar os limites da razão ocidental. Glauber, porém, dedicou alguns escritos voltados estritamente para o debate literário. Escolhi trazer aqui cinco ensaios/artigos produzidos por ele, em que se poderá constatar tanto o leitor profícuo que foi, quanto um grande escritor. Não está no escopo deste artigo a intenção de decifrar ou problematizar tais textos, mas apenas trazer uma amostra das suas referências literárias. Seus originais, em grande maioria, não são datados, presumir em que período foram escritos não é tarefa simples, portanto, não há uma ordem cronológica da produção intelectual apresentada.¹⁰

No primeiro texto selecionado, que possivelmente era um projeto de um romance, intitulado “O Adamaztor”¹¹, encontram-se quatro conjuntos heterogêneos no estilo e na temática. A primeira parte do conjunto, de caráter literário joyciano, é uma narrativa da história do Brasil. A segunda, escrita em espanhol no estilo de entrevista, trata do processo político e social brasileiro na ditadura militar. A terceira peça, escrita em forma de carta, ao que parece, produzida em um avião, descreve a situação do Brasil após o Golpe de 1964, aborda a questão da censura e os movimentos de resistência, na sequência, o texto transforma-se em uma série de diálogos à maneira de um roteiro. Por fim, a última parte do conjunto é um texto escrito em português e espanhol, aparecem alguns personagens, como Juan Morales e Maria Tereza, entre outros, versa sobre política internacional, filosofia, comunismo, além de Cuba e outros assuntos. Ao longo

¹⁰ Ainda que a cronologia não seja algo que este artigo persiga, convém observar que, segundo Sylvie Pierre (1996), os artigos e ensaios, ou mesmo roteiros, em que Glauber passa a fazer uso deliberado das letras 'k', 'x', 'y' e 'z', subvertendo a grafia formal, foram escritos a partir dos meados de 1977. (PIERRE, 1996, p.118).

¹¹ ROCHA, Glauber. *O Adamaztor*. In: Acervo Tempo Glauber, notação nº GR.PI.0798.1-198 - pasta 46, s/d.

do texto, uma enorme quantidade de autores são citados, além de diversos personagens do panorama cultural e político brasileiro e também estrangeiro.

O segundo texto de nossa seleção, um ensaio que, de início, Glauber intitulou “Poesia e Prosa”, mas depois alterou para “Literatura & Brasil”, trata do papel da literatura nas civilizações e da função ideológica da arte. Na primeira página, lemos uma definição do que seria literatura,

[...] um dos meios de expressão artísticas de um povo, ultrapassando os limites não alcançados pela história, dissecando a alma dos homens, penetra nos seus mínimos conflitos, denuncia suas falhas, elogia suas virtudes, penetra no meio social-político-econômico a que pertencem, analisando estes aspectos sob um prisma essencialmente, profundamente humano, nos oferecendo assim a reprodução fiel de um momento histórico em determinada nação e nos proporcionando uma maior compreensão do mundo e dos homens. (ROCHA, s/d, p.1).¹²

Neste ensaio, Glauber cita *Ilíada* e *Odisseia*, Dante Alighieri, Goethe e Camões, como exemplos de uma arte literária, “que pulsam, que vivem em cada espírito de cada homem que ama as coisas belas da vida”. (ROCHA, s/d, p.1). Diferencia o verso da poesia e demonstra como a poesia é mais abrangente que um texto. Em seguida, realiza uma espécie de genealogia da história da literatura nacional, passando pelas obras portuguesas de Camões, Bernardim Ribeiro, Gil Vicente e Frei Luís de Sousa. Cita escolas literárias: romantismo, realismo e parnasianismo. Dedicou elogios a obra de Gregório de Matos, como marco inicial da poesia brasileira, passando por Gonçalves Dias, Casimiro de Abreu e Álvares de Azevedo. Castro Alves é citado como um gênio do qual “nós brasileiros devemos nos orgulhar”, aquele que sem sombra de dúvidas é a “maior inspiração da poesia brasileira”. (ROCHA, s/d, p.3). Cita ainda Olavo Bilac, Lima Barreto, Aluísio Azevedo, Machado de Assis, Augusto dos Anjos e Cruz e Souza.

Ao chegar nos literários modernos, Glauber menciona em primeiro lugar “Mário e Oswald de Andrade”, Menotti del Picchia, Ronald Carvalho e Plínio Salgado. Explica que as “formas velhas foram postas por terra” após a semana de 1922. Em seguida, percorre as novas vozes da poética nacional, Vinícius de Moraes, Jorge de Lima, Carlos Drummond de Andrade, Graciliano Ramos, José Lins do Rego e Jorge Amado, a quem ele chama de escritor de além-fronteira, “o único romancista que projeta em

¹² ROCHA, Glauber, *Literatura & Brasil*. In: Acervo Tempo Glauber, notação nº BR TGL GR.0.PIN,ART.918 - subsérie “Artigos”, s/d. No texto, ao mencionar *Ilíadas* e *Odisseia*, Glauber cita a dúvida sobre a existência de Homero.

nossos dias, nossa literatura nos maiores centros intelectuais do mundo”. (ROCHA, s/d, p.4).

Na última página, Glauber defende que os escritores brasileiros precisam de se livrar do existencialismo “pernicioso e degradante de Sartre e Camus” e de afastar-se das formas abstratas, como o surrealismo, para poder mergulhar no “Realismo Social”, a exemplo de escritores russos como Boris Polevoy e Aleksandr Ostrovski. O texto datilografado é interrompido no meio da página, a outra metade é preenchida em manuscrito, trata-se de um poema, com o título “um bilhete de Guimarães Rosa”¹³, versos esses, que, na verdade, pertencem a Augusto Frederico Schmidt, poeta da segunda geração do modernismo e chama-se “Poema”.¹⁴ No verso, Glauber faz anotações sobre dever continuar o texto a partir de João Cabral de Melo, abordando as literaturas latina, europeia e americana, e conclui: “O ensaio será brilhante! Vai sair! Antes do fim do ano!” (ROCHA, s/d, p.5).

O próximo texto, intitulado “Revyção Impressyonyzta da Poesya Brasyleyra”, versa sobre poesia brasileira dos primórdios até o modernismo. O ensaio é iniciado com uma discussão sobre o papel do poeta-literário, opõe a poesia à racionalidade linguística e filosófica, negando a existência de “uma ciência literariartística”.

A poesia é a sensibilidade do poeta que recebe das zonas profundas e claras desmonta a gramática da Razão Apolínea. A festa erótica dionisíaca bagunça o coreto: it is C.A.R.N.A.V.A.L. e máxima beleza de uma materialização literária se faz em verso. (ROCHA, s/d, p.1).¹⁵

A “história do verso” teria começado em Homero e terminado em “Estefânio Malarmado” (Stéphane Mallarmé).¹⁶ Para Glauber, Gregório de Matos, Manuel Botelho de Oliveira, Basílio da Gama, Thomaz Antônio Gonzaga, Ignácio de Alvarenga Peixoto e Cláudio Manuel da Costa são “revolucionários antibarrocos e antiarcades”.¹⁷ (ROCHA,

¹³ Quanto à relação entre Glauber Rocha e Guimarães Rosa, diversos autores se dedicaram a discutir a influência de Rosa em Rocha. Recomendamos a leitura de *Encontros Fantásticos de Glauber e Rosa*, texto de Marília Rothier Cardoso (2004). Sem ignorar o clássico *Sertão Mar* (1983), de Ismail Xavier. Por fim, o trabalho de Carolina Serra Azul Guimarães (2011), *A fome e o sonho: o olhar de Glauber Rocha sobre a obra de Guimarães Rosa*. Este último, dedica-se, em parte, a discutir a influência de Rosa no romance de Glauber, “Riverão Sussuarana” (1977).

¹⁴ A primeira parte do poema é: “Coberta de lírios, irás docemente. / Coberta de lírios, com olhos fechados, / Irás para o seio sem termo da noite, / Coberta de lírios.”

¹⁵ ROCHA, Glauber. *Revyção Impressyonyzta da Poesya Brasyleyra*. In: Acervo Tempo Glauber, notação nº GR PI 0163 1-20 - subsérie “Artigos”, (s/d).

¹⁶ Para uma compreensão da influência de Mallarmé em Glauber, veja: CARVALHO, Bruna Carolina Domingues dos Santos. *Memórias inaparentes: Glauber Rocha, leitor de Mallarmé*. 2019.

¹⁷ As citações, estejam elas no corpo do texto ou a parte, trarão sempre a grafia tal como escrita por Glauber, de modo que se possa entender melhor como ele tratou a língua escrita.

s/d, p.4). Tanto o barroco, quanto o arcadismo, seriam a “Oficina do Poder Monárquico Absolutista Cristão”. O ensaio contextualiza o barroco no Brasil, a obra de Aleijadinho é considerada “o mais antropofágico ritual barroco tropicalista”. (ROCHA, s/d, p.6). Ao longo do texto há uma narrativa sobre a transição da colônia para o Império e deste para a república. Glauber cita Augusto dos Anjos, Junqueira Freire, Cruz e Sousa e Castro Alves que, “canta o Terceiro Mundo das vozes dáfrica e de toda Hestória de massacres em nome da Monarquia Europeia”. (ROCHA, s/d, p.8). Na última parte do ensaio, Glauber se dedica ao modernismo, mas nos deteremos a este aspecto no próximo tópico.

Sem um título, o texto seguinte é composto por diversas reflexões sobre Filosofia, História, Política e Literatura. O ensaio é iniciado com “Os Lusíadas” de Camões, retoma o Teatro Tomista, cita Gil Vicente, Dom Quixote, Eça de Queiroz e William Shakespeare. Percorre a literatura marxista, cita Marx, Engels, Lenin, Leon Trotski, Sergei Eisenstein, Sergei Prokofiev e Alexander Soljenitsin. Menciona “Os condenados da terra” de Frantz Fanon. A lista é extensa, outro conjunto de autores mencionados: Arthur Rimbaud, Jean-Luc Godard, Franz Post, Andy Warhol, Igor Stravinski, Heitor Villa-Lobos, Claude Debussy, Frédéric Chopin, Friedrich Wilhelm Nietzsche, James Joyce, Pierre Corneille, Jean Racine, Molière, René Descartes, Demócrito, Zoroastro, Ezra Pound, Stendhal, Victor Hugo, Charles Dickens, Gustave Flaubert, Fiódor Dostoiévski, Thomas Morus, Américo Vespúcio, Antonin Artaud, Baudelaire, Vincent Van Gogh, Pablo Picasso, Amedeo Modigliani, Paul Cézanne, Pierre-Auguste Renoir, F. Scott Fitzgerald, Gertrude Stein, Ernest Hemingway, Zaratustra, Thomas Mann, Bertolt Brecht, Marcel Proust, Leon Tolstói, Mao Tsé-Tung, Carlos Diegues e Ganga Zumba.

O ensaio é dedicado, em boa parte, a discutir o pensamento dialético, Glauber traz à cena a psicanálise de Lacan, introduz um relato autobiográfico.

Viajei no reino do inconsciente e hoje vejo o seu terror. Não encontrei nenhuma fantasia na União Soviética, mas pelo menos era o reino deserto da consciência. E frutifica em Cuba. Entre o carnaval Trágico da Inconsciência e o Deserto da Consciência somente a arte pode fecundar o Vale da Vida e da Morte. (ROCHA, s/d, p.8).¹⁸

Glauber conclui este ensaio tratando da tensão entre o patriarcado e o matriarcado e cita os nomes de algumas representantes do matriarcado, como: Norma Bengell, Maria Bonita, Carmem Miranda, Nara Leão, Dercy Gonçalves, Fernanda

¹⁸ ROCHA, Glauber. *Sem título*. In: Acervo Tempo Glauber, notação nº BR TGL. GR.0.PIN, ART.1430 – Subsérie “Artigos” (s/d).

Montenegro, Tônia Carrero, Cacilda Becker, Odete Lara, Clarice Lispector, Lygia Fagundes Telles, Rachel de Queiroz, Cecília Meireles, Tarsila Amaral, Anita Malfatti, Maria Bethânia, Gal Costa, Elis Regina, Regina Roseburgo, Helena Ignez, Marília Pêra, Menininha do Cantuá, Lúcia Mendes de Andrade Rocha, Paloma Mello e Silva Rocha e muitas outras.

O último texto aqui apresentado é um manuscrito com mais de cem páginas, possivelmente intitulado “Teztamento da Loucura”, embora, haja outros títulos (riscados) como “Utopya Brazyleyra” e “Mito do Comunismo”. Trata-se de um ensaio teórico apresentando reflexões filosóficas, antropológicas, políticas, sociais e estéticas. O ensaio foi numerado e dividido em capítulos, que vão do I até o XVIII. Os capítulos são: I) Sentimento e Pensamento; II) Idéia e Memória; III) Dinheiro e Sexo; IV) Morte e Vida; V) Marx e o Capital; VI) Capital e Criação; VII) História e Realidade; VIII) Passado e Presente; IX) Estória; X) Tribu e Nação; XI) Uthopya e Poezya; XII) Instinto e Cultura; XIII) Loukura e Juztyça; XIV) Arkayko e Futuro; XV) Deus e o Dyabo; XV [repetido]) União Sovyetika e Myztyzyzmo; XVI) Estado e classes; XVII) Arte e revolução; XVIII) Conteúdos e formas. Ao longo do texto, encontramos algumas referências literárias, como citações envolvendo Lenin, Josef Stalin, Platão, William Shakespeare, Aristóteles, Sigmund Freud, Emmanuel Kant, Georg Wilhelm, Friedrich Hegel, Friedrich Wilhelm Nietzsche, Arthur Schopenhauer e Friedrich Engels.¹⁹

Há algumas anotações deixadas pelo próprio Glauber de que “Teztamento da Loucura”, seria um projeto de livro. Além de “Riverão Sussuarana”, publicado em 1977, as anotações de Glauber indicam a existência de outros projetos de romances que ele gostaria de ter publicado, como é o caso de “Unyverso”, “O Fantazyko Caso do Tezouro Vermelho” e “Orfeu e Bahia”. Essas obras seriam publicadas pela editora Record. Em outras anotações, encontramos mais dois projetos: “ABC da Liberdade” e “Jango”. Havia também, um livro de contos intitulado: “Luz Atlântyka”, a ser publicado pela editora Paz e Terra. Glauber planejava publicar mais cinco livros, são eles: “Eztétyka do 3º Mundo”, “Kynema”, “ABC do Cinema”, “Glauber Rocha Xeroquetudo” e “Anabasy”.²⁰ Planejou ainda um conjunto de obras autobiográficas, ao todo quatro títulos, que dariam conta de sua biografia “com a máximo de detalhes”, eis os títulos pensados por ele: “História

¹⁹ ROCHA, Glauber. *Teztamento da Loucura*. In: Acervo Tempo Glauber, notação n° GR.PI.0302.1-103 - subsérie “Artigos”. (s/d). Pasta 20. Obs.: Há uma versão datilografada deste texto com a notação n° GR PI 0105 1-13, Pasta 8.

²⁰ ROCHA, Glauber. *Sem título*. In: Acervo Tempo Glauber, notação n° GR.PI.1105.1-3 - subsérie “Romances”, Pasta 64.

Dialética da Matéria”, “Mapa da Bahia”, “A conquista de Eldorado” e “Manifesto Literário”.²¹

O que temos até aqui é um indicativo de que Glauber se percebia como alguém cuja contribuição social se estendia para além da cinematografia. Seus filmes estavam impregnados de dramaturgia teatral e literária, o que Ismail Xavier (2011) chamou de “célula dramática glauberiana”.²² Denise Veras (2016) aponta para uma relação literatura-cinema, associada ao ímpeto de inovação, fazendo com que Glauber empregasse técnicas do cinema nas linhas de seus romances do mesmo modo em que fazia uso de estratégias literárias em seus filmes.²³ Por sua vez, João Carlos Teixeira Gomes (1997), concluiu que Glauber não “chegava a ser fascinado pela imagem, sentia-se mais à vontade com a palavra”.²⁴ Trocara o teatro pelo cinema por considerar que este seria uma forma de comunicação mais eficaz, imediata e abrangente. (GOMES, 1997, p.155).

Mateus Araújo (2017), entre tantas análises, acrescentou o aspecto historiográfico na cinematografia de Glauber.²⁵ Mas nos interessa aqui, sua análise sobre o extenso roteiro “O nascimento dos Deuses”, projeto encomendado pela RAI (Empresa de rádio e televisão estatal italiana), em que Glauber se dedicou à história do rei persa Ciro I e de Alexandre o Grande. A proposta original seria produzir um filme de seis horas, dividido em duas partes, cada parte (três horas) dedicada a um dos protagonistas. Apesar do projeto não ter sido realizado, o texto foi escrito. O roteiro foi analisado por Jacyntho Lins Brandão, de modo a compreender quais fontes históricas Glauber teria consultado e como se apropriou destas para produzi-lo. Um roteiro antropofágico que, devido às superposições das personagens da literatura brasileira, acabou por produzir um “Deus e o Diabo no Deserto do Saara” (MATEUS ARAÚJO, 2019, p.10).

²¹ ROCHA, Glauber. *Sem título*. In: Acervo Tempo Glauber, notação nº BR TGL GR.0.PIN,ANO.1343 - subsérie “Anotações”. p.2, (s/d).

²² XAVIER, Ismail. *A invenção do estilo em Glauber Rocha e seu legado para o cinema político*. In: Glauber Rocha e as culturas na América Latina. Frankfurt am Main 1. Aufl. 2011. TFM, p.15-26.

²³ VERAS, Denise. *Riverão Sussuarana; o parto de uma mente exótica*. Revista Revestres, Ed.23, Disponível em: <https://revistarevestres.com.br/artigos/riverao-sussuarana-o-parto-de-uma-mente-exotica/#:~:text=O%20personagem%20River%C3%A3o%20Sussuarana%20%C3%A9,que%20tamb%C3%A9m%20assume%20variadas%20formas>.

²⁴ GOMES, J. Carlos Teixeira, *Glauber Rocha, esse vulcão*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997, p.155.

²⁵ O autor revela o pioneirismo de Ismail Xavier, quanto a relação da obra glauberiana e a história, citando o ensaio de 1987, intitulado: “Glauber Rocha: o desejo da História”.

OSVALDRANDADE É A VELA DA MACUMBA: GLAUBER LÊ OSWALD

Do mesmo modo que evitei problematizar a produção literária de Glauber Rocha – um trabalho que ganharia mais profundidade se fosse feito por especialistas da Literatura, – tampouco é minha intenção fazer uma análise teórico-metodológica ou mesmo discursiva das apropriações e dos usos que Glauber Rocha fez de Oswald de Andrade. O que pretendo é dar ao próprio Glauber o máximo de manifestação, uma vez que boa parte das fontes aqui apresentadas são de caráter primário, isto é, anotações, poemas e cartas, apenas algumas poucas secundárias, como é o caso de alguns artigos publicados e entrevistas. Talvez, em um curso muito menor, resguardadas as devidas proporções, busco uma aproximação daquilo que Foucault e um grupo de pesquisadores fizeram no caso de Pierre Rivière²⁶, e, por motivos semelhantes, alguns aspectos ficaram de fora. Diante de uma massa documental, qualquer pesquisador se sente tentado a julgá-la, quase que como uma obrigação. Procurei limitar ao máximo essa função hermenêutica. As citações a Oswald por Glauber foram separadas por tipos de textos, como poemas, artigos, ensaios e outras publicações, o que não significa que serão apresentadas nessa ordem. Como na primeira parte deste artigo, breves comentários serão feitos entre uma ou outra citação, sem querer, com isso, estabelecer quaisquer parâmetros ou fundamentos sobre Glauber ou Oswald, ou sobre Oswald segundo Glauber. A ideia é dar ênfase à documentação e às elaborações que Glauber faz a partir de Oswald.

Ainda que reduzida, uma literatura com o intuito de conectar Glauber ao modernismo vem se desenvolvendo, ao longo deste item, algumas poucas referências bibliográficas com esse sentido são trazidas aqui, além de retomar algumas já citadas anteriormente.

Em “Revyção Impressyionyzta da Poesya Brasyleyra”, Glauber escreveu:

Osvaldandrade, filósofo, é a vela da macumba: renunciou o marxismo e proclamou a ANTROPOFAGIA PAU BRASIL. - Osvaldandrade tirou o rebolado do materialismo acadêmico, francogermânico e

²⁶ Refiro-me à publicação do dossiê penal de um caso de parricídio praticado por Pierre Rivière no ano de 1835 em uma comuna francesa. A obra, organizada por Michel Foucault, teve por objetivo dar voz a Pierre Rivière, dentre as razões para não analisar o memorial escrito pelo próprio Rivière, explica Foucault, estava a preocupação de, ao “falar dele”, retomar os discursos médicos, judiciários, psicológicos e criminológicos, desta forma lhe impondo uma relação de força. O que se pretendia era exatamente o contrário, isto é, verificar o distanciamento entre os discursos. A obra foi publicada na França pela Editora Gallimard; no Brasil, a primeira edição é de 1977 com o seguinte título: *Eu, Pierre Rivière, que degolei minha mãe, minha irmã e meu irmão...um caso de parricídio do século XIX*, apresentado por Michel Foucault; tradução de Denize Lezan de Almeida, Rio de Janeiro: Edições Graal, 1977.

adjacências: enfrentou a caretece da Universidade Paulista e foi reprovado. (ROCHA, s/d, p.13).²⁷

A referência a “vela” (da macumba), Glauber tirou da adaptação que “Zé Celso” (José Celso Martinez Corrêa), fizera em 1967, da obra de Oswald de Andrade, “O rei da vela” (1933). Bruna Carolina de Carvalho (2022), atesta que a peça, encenada pela turma do Teatro da Oficina, significou para os artistas, músicos, cineastas e poetas dos anos de 1960, o primeiro contato com a antropofagia de Oswald de Andrade. No posfácio da publicação do livro “O rei da vela” em 2017, o ator Renato Borghi, traz à memória que o espetáculo foi dedicado a Glauber Rocha, devido à produção de “Terra em Transe”, lançado naquele mesmo ano.²⁸ O cineasta, por sua vez, menciona o episódio, confirmando seu desconhecimento sobre Oswald até aquele momento.

1968 - TROPICALIA. Oswald vivo. TERRA EM TRANSE inspirou José Celso Martinez. Quando fiz o filme nunca tinha lido Oswald. Conhecia toda literatura mundial menos Oswald. O Teatro Oficina monta 'O REI DA VELA'. Oswald renasce na pele de Macunaíma. Não é o Oswald concretistar-cade. É o Oswald de Moraes, desbundado irmão de Vinícius...(ROCHA, s/d, p.20)²⁹

Em pleno ano de AI-5, um conjunto de ações artísticas encontram consonâncias, um ano antes, Hélio Oiticica havia montado sua instalação o “Penetrável Tropicália”, na exposição “Nova Objetividade Brasileira”, no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro. Caetano Veloso, em suas memórias “Verdade Tropical” (1997), afirma que o termo “Tropicalismo” fora inspirado na obra de Oiticica, mas se o tropicalismo foi em grande medida atribuído ao cantor e compositor baiano, o próprio Caetano confessa o impacto que o filme “Terra em Transe”(1967), de Glauber Rocha, causara-lhe. (apud, CARVALHO, 2022, p.108). Se não há dúvida quanto à influência de Glauber ao Tropicalismo³⁰, resta saber o quanto Oswald impactou o cinemanovista. Ao que parece, se nos guiarmos pelas suas próprias pistas, o modernista se tornou uma referência para o cineasta, porém, não é objetivo deste artigo localizar alguma camada oswaldiana na

²⁷ ROCHA, Glauber, *Revysão Impressyonyzta da Poesya Brasyleyra*. In: Acervo Tempo Glauber, notação n° GR PI 0163 1-20 - subsérie “Artigos”, (s/d). Pasta 13.

²⁸ CARVALHO, Bruna Carolina. *Ecos modernistas no Cinema Novo ou Glauber Rocha, leitor de Antropofagia de Oswald de Andrade*. Cadernos de Literatura, N.º 46 – 06/ 2022 | 99-117 – ISSN 2183-2242 | <http://dx.doi.org/10.21747/21832242/litcomp46a5>. p.108.

²⁹ ROCHA, Glauber, *Revysão Impressyonyzta da Poesya Brasyleyra*. In: Acervo Tempo Glauber, notação n° GR PI 0163 1-20 - subsérie “Artigos”, (s/d). Pasta 13.

³⁰ O debate na literatura, ao que parece, transita em torno de uma múltipla influência, cito aqui além da bibliografia comentada, a dissertação de Bruna Machado Ferreira: FERREIRA, Bruna Machado et al. *Invenção em trânsito/transse: Glauber Rocha, Hélio Oiticica e Tropicália*. 2013.

cinematografia³¹ de Glauber Rocha, como dito, mas sim verificar, em alguma medida, como o cineasta e escritor leu e recebeu Oswald de Andrade e como ele externalizou essa recepção.

Em seu *Kapytu* (s/d)³², como se anunciasse uma linhagem dinástica, Glauber escreveu: “Eu era Castro de Andrade Rocha. Meu nome tem Andrade. Parente de Carlos, Mário, Joaquim e Oswaldo.” (ROCHA, p.7). Leitor apaixonado por todos os citados, um pouco mais a frente, no mesmo documento, revela novamente seu desconhecimento sobre Oswald.

Mandei pelo Gustavo carta pro Paulo Emílio Salles Gomes, dizendo que nunca tinha lido Oswald antes de fazer “Terra em Transe.” Conhecia de nome e poesia que na Bahia não se curtia e de teatro foi Luiz Carlos Maciel quem falou, evidentemente, como mito do modernismo. Mas Jorge Amado era o símbolo de homem quente na Bahia. O complexo do subdesenvolvimento diante da cultura e o desprezo faz Oswald vomitar tremenderudição sobre os intelectuais brasileiros e cagar na culturaeuropéia. (ROCHA, s/d, p.4)³³

O fragmento revela as limitações territoriais do modernismo paulista, limitações estas também confirmadas por Caetano Veloso. Em entrevista concedida ao programa *Roda Viva*,³⁴ o cantor e compositor tropicalista afirmou: “São Paulo era um lugar muito remoto na cabeça dos brasileiros”, (...)“Oswald então, Oswald era esquecido, ninguém falava nele.”³⁵ Se o desconhecimento de Oswald até então, não representava a inexistência de uma produção artística absolutamente alinhada com preceitos modernistas, o seu conhecimento serviu como confirmação desse alinhamento. Glauber consegue perceber paralelos entre sua *Eztétyka da Fome* (1965) e o *Manifesto Antropofágico* (1928), de Oswald.

³¹ Quanto aos ecos oswaldianos na cinematografia de Glauber, Ivana Bentes (2002) escreveu o seguinte: “Caráter apocalíptico e messiânico do cinema de Glauber que ecoa muitos dos aforismas de Oswald de Andrade sobre a antropofagia e a revolução como ‘culturas naturais’ e nosso barbarismo e vitalismo violento como virtudes transformadoras.” (BENTES, 2002, p.7). Recomendo aqui também o artigo *Herdeiros da Antropofagia Oswaldiana: Glauber Rocha e Joaquim Pedro de Andrade através de seus cantos de cisne: A idade da terra e O homem do Pau-Brasil*. (FROSCH 2011).

³²Possivelmente trata-se de um texto produzido entre 1970 e 1975. Há na documentação dois com o mesmo título, aqui foi usado o que pareceu mais recente e revisado, no caso do trecho transcrito, ambos os documentos não apresentam grandes alterações de conteúdo.

³³ROCHA, Glauber. *Kapytu*. In: Acervo Tempo Glauber, notação nº GR.PI.1179.1-10 - subsérie “Artigos”, (s/d). Pasta 76.

³⁴ TV Cultura, Programa *Roda Viva*, 21 de dezembro de 1971. Trecho da entrevista: <https://www.youtube.com/watch?v=lnQo7hPKNWo&t=262s> - Acesso em 07/05/2023.

³⁵ A recepção do modernismo na Bahia já possui problematizações importantes, cito aqui apenas duas: AMADO, Jorge. *Bahia de todos os santos*. 40. ed. Rio de Janeiro: Record, 1996; RISERIO, Antonio. *Caymmi: uma utopia de lugar*. São Paulo: Perspectiva, 1993.

Escrevi “A Eztétyka da Fome, ou da Violência” sem conhecer o manifesto de Oswald. Que outro Manifesto Kultural Teceyro Mundysta teve tanta repercussão? Dialeticamentantropofágica. Comi o velho cinema, caguei o novo. A maioria dos intelectuais mundiais curtiram e alguns intelectuais brasileiros ficaram putos. (ROCHA, s/d, p.4).

Ao final do texto, o cineasta deixa claro o impacto do Oswald nele, “(...) eu para você defenderei o homem e o cavalo/Rei da Vela nunca me deixou tão louco quanto o articulista e manifestante.”(Idem, p.4). Muito antes de alguém conectar o cineasta cinemanovista ao antropofagismo, o próprio Glauber já havia se encarregado de fazê-lo.

No exílio em Roma, Oswald aparece de modo diferente em alguns de seus poemas. Em 1972 escreve “Tema a Oswald de Andrade”, um pequeno verso em que se lê: “Sopra o vento da velha Rússia/Dromedários/Animais de outras eras/Dromedários/Animais de outros temas.”³⁶ Outro poema que merece destaque é: “Saudade”, dedicado a Tom Jobim,

Nas horas tristes de exílio
Me consolo com Antônio Carlos Jobim
Norte, Sul, Leste, Oeste
Eu pra você
Você pra mim
Ave do paraíso
Tom Jobim.
(ROCHA, Saudade, Roma, 1973).³⁷



Glauber encerra o texto com a seguinte observação: “ps - o eu pra você/você pra mim - é roubado de Oswald de Andrade, mas em natureza nada se perde, nada se cria, tudo se transforma na prática eterna do materialismo histórico dialético.”(ROCHA,1973, p.01).

Ao retornar ao Brasil em 1976, concede à jornalista Mary Ventura, uma entrevista que foi publicada no dia 26 de junho no Jornal do Brasil. Após falar um pouco sobre sua experiência no exílio, Mary Ventura, pergunta ao cineasta: “– Você concorda com a tese de Oswald de Andrade, aliás, de que a melhor maneira de ver o Brasil é à distância? Glauber apresenta sua discordância.

³⁶ Não pude deduzir o sentido real do poema de Glauber, apenas especular algumas possibilidades, suponho aqui duas: a primeira, teria a ver com a produção de “Solaris”, filme de Andrei Tarkovski (roteiro e direção), vencedor do *Prêmio Especial do Júri* em Cannes no ano de 1972. No mesmo ano em que (minha segunda hipótese), Richard Nixon, tornou-se o primeiro presidente dos EUA a visitar a URSS, na época esta visita foi retratada por parte da imprensa como uma mudança nos ares das relações internacionais entre as duas potências antagônicas da Guerra Fria.

³⁷ ROCHA, Glauber. *Saudade*. In: Acervo Tempo Glauber, notação nº GR.PI.0529.1-1—subsérie “Poemas”, Roma, 1973.

O Brasil nunca foi um país estranho pra mim. Toda minha formação foi de cultura brasileira e não internacional. Eu não redescobri o Brasil na minha ausência porque já o conhecia demais. O que a distância permite é uma visão crítica, isenta de preconceitos ideológicos, de um lado, e de psicologismos, de outro. A distância, portanto, me permitiu a superação de problemas como esses." (ROCHA, 1976, Entrevista sem título, p.2).³⁸

Voltando aos tempos de exílio, o poema “Sendo sem querer ser”, Oswald aparece não mais como uma referência secundária, mas como parte integrante de que ele, Glauber é,

Sendo sem querer ser, Eu ou Oswald, ele melhor que eu, oh o monstro, quem será, mais eu que ele, pois de minha pena nascido, a ele transferido, eu, ele, *horror*. (ROCHA, Roma, 1973).³⁹

Ao que parece, mesmo não querendo, mas já sendo, Glauber não consegue mais seguir sem vincular sua produção intelectual à antropofagia oswaldiana. Entendia que se tratava de dois momentos históricos conectados, em que as estruturas dominantes do discurso ocidental sobre cultura foram quebradas. Em *Folklore* (s/d), texto autobiográfico, com cerca de quarenta páginas, Glauber reconhece, porém, que a antropofagia, sobretudo aquela presente no tropicalismo, não era exclusividade sua, citando obras de outros cineastas, como é o caso de Nelson Pereira dos Santos.

Fique a verdade no dito possível cinematográfico de 'O AMULETO DE OGUM'
Ressurreição
A fome gera metafísica
A fome gera a antimatéria
Ritual famélico
Antropofagia
Passe o diploma pro Oswald
Sou um apóstolo
E Oswald é Deus.
Queime-se o cetro de Marx.
(ROCHA, *Folklore*, p.35).⁴⁰

Em entrevista ao *Folhetim* (1979)⁴¹, Glauber afirmou não ter gostado de “O amuleto de Ogum” (1974), mas percebeu o elemento antropofágico na narrativa do filme,

³⁸ ROCHA, Glauber, *Entrevista sem título*. In: Acervo Tempo Glauber, notação n° GR PI 0465 1-4 - subsérie “Entrevistas”, p.2, 1976. Optou-se por usar o documento original. A entrevista publicada encontra-se no *Jornal do Brasil*, 26 de Junho de 1976, cujo título foi: Glauber Rocha de Volta: “o charco burocrático não cria”. Confira em BND, http://memoria.bn.br/DocReader/030015_09/172254

³⁹ ROCHA, Glauber. *Sendo sem querer ser*. In: Acervo Tempo Glauber, notação n° GR.PI.0589.1-1 - subsérie “Poemas”, 1973. Obs.: O termo *horror* encontra-se grafado pelo fato de não estar legível o suficiente para afirmar se é mesmo *horror*, a outra possibilidade seria “haver”, optamos pelo primeiro.

⁴⁰ ROCHA, Glauber. *Folklore*. In: Acervo Tempo Glauber, notação n° BR TGL. GR.0.PIN,ESA.3.13.20.verso - subsérie “Escritos autobiográficos”, s/d.

dando crédito a Nelson Pereira dos Santos, ao mesmo tempo em que anuncia a divindade de Oswald, de quem agora se considera apóstolo.

Transitando de apóstolo para discípulo, o modernista vira filósofo⁴² na ótica de Glauber. Em “Guerra e Paz” (s/d)⁴³, ao tratar das relações entre poder e cultura, localiza o projeto oswaldiano como o único com uma proposta nacional libertadora e o modernista como “o único filósofo brasileiro, porque profetizou uma Utopia.” Um pensador que teria rompido com o estalinismo e frutificado sua crítica, antes mesmo de Sartre. Oswald produziu uma antropologia antropofágica, um nacionalismo revolucionário. (ROCHA, s/d, p.4-5).

Enquanto ouvia Lennon, concluía o último capítulo das “Utopias Oswaldandrade”⁴⁴, Glauber desabafa: “As esquerdas brasileiras não entenderam Oswald de Andrade!”. O manuscrito no verso, se lê: “VIVA O BARROK DYALETYK PROCLAMADO POR OSWALD.” [sic], outra frase abaixo afirma: “Oswald de Andrade se declarou casa de ferro do proletariado.” (ROCHA, Panfleto, s/d, p.1)⁴⁵

Em “Movimento Sem Opinião” (s/d), Glauber faz, como em alguns textos citados na primeira parte deste artigo, uma espécie de balanço crítico dos movimentos literários e poéticos brasileiros, avaliando a transição das gerações de 1922, 1930 e 1945. Ao final do artigo, após pensar a maravilha que seria um Brasil presidido por Carlos Drummond de Andrade, insiste na necessidade de um partido político brasileiro capaz de reunir um quadro democrático e popular, que dispense “as lições de Washington e de

⁴¹ Na entrevista, Glauber responde sobre “Xica da Silva” (1976), de Cacá Diegues: “Xica da Silva” para mim foi o grande filme da década. Achei “Dona Flor e seus Dois Maridos” não genial, mas legal. Não gostei de “Amuleto de Ogum...” [sic]. ROCHA, Glauber, *Folha de São Paulo, Folhetim*, 16 de dezembro de 1979. p.4. In. Acervo Tempo Glauber, notação n° FSP - dez 1979, subsérie “Artigos Impressos”.

⁴² Vale lembrar aqui que Oswald produziu uma tese intitulada *A crise da filosofia messiânica*, para concorrer a cadeira da Faculdade de Filosofia na Universidade de São Paulo em 1950. A tese se encontra em ANDRADE, Oswald de, 1890-1954: obras completas. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1970, p.75-138. Sobre o empreendimento de Oswald no campo da filosofia, Antonio Candido (1993), em *Os dois Oswald*, menciona como o modernista que “ria das instituições” acabou por candidatar-se duas vezes à Academia Brasileira de Letras e quis ser professor universitário. Em 1945 saiu como livre-docente em literatura brasileira e em 1950 tentou a cadeira de filosofia. (p.140). Já em *Digressão Sentimental Sobre Oswald de Andrade* (1977), Candido nos conta como se deu a mudança do Oswald romancista para o filósofo Oswald, citando as obras desse período como, por exemplo, “*n’A marcha das utopias*”, e a tese já citada, que não chegou a ser defendida. (p.73).

⁴³ ROCHA, Glauber. *Guerra e Paz*. In: Acervo Tempo Glauber, notação n° GR.PI.0455.1-13 - subsérie “Artigos”, s/d.

⁴⁴ Trata-se de um texto potente sobre a incompreensão da esquerda brasileira quanto aos movimentos políticos mundiais, para Glauber a esquerda vivia como “colonizados” pela URSS e China, era preciso se libertar de toda e qualquer colonização europeia, “recomeçar do zero Tupyguarany” (p.3), os únicos que “sacaram a dialética do imperialismo” foram Oswald de Andrade e José Martí (p.4).

⁴⁵ ROCHA, Glauber. *Panfleto*. In. Acervo Tempo Glauber, notação n° GR.PI.0457.1-9 - subsérie “Artigos”, Pasta 28, s/d.

Moscou e que levante diante dos marxistas, leninistas, trotskistas y maoístas a OBRA FILOSÓFICA DE OSWALD ANDRADE.” (ROCHA, s/d, p.18). Apenas assim o Brasil se livraria de vez das influências ideológicas estrangeiras, rejeitando o marxismo e abraçando o “Osvaldismo” (ROCHA, s/d, p.18).

Em “Revyção Impressyonyzta”, cita diversos nomes de brasileiros “dignos das letras”, como Lemos Faria de Brito, Jackson de Figueiredo, Miguel Reale, Rui Barbosa, Joaquim Nabuco, Euclides da Cunha, até o “Iluminado Darcy Ribeiro”, mas pondera que “*but belfore oswaldandrade il n’y a pas de filósofo no país.*” (ROCHA, s/d, p.2).⁴⁶ Alerta que “Osvald não é dogma.” Ainda assim.

Osvaldandrade é filósofo de um novo Antestado: Nonada - do zero em nome da justiça econômica, social, política, cultural, sexual, psicológica, filosófica, metafísica, prazer, prazer, abaixo da rede puxando um xarro com a morena diante do mar(...). (ROCHA, Movimento Sem Opinião, p.1).

Segundo Glauber, a “antropofagia dialética de Oswald” teria pensado um “equilíbrio entre o homem e a mulher, entre o esperma e o útero, entre a produção e o consumo, entre o trabalho e o capital, entre Deus e o Diabo, entre a vida e a morte.” (ROCHA, s/d, p.3).⁴⁷ Em “Panfleto”, Glauber assinala que Oswald “profetizou o movimento feminista dos anos 60.” (ROCHA, s/d, p.3). Era preciso desmontar o patriarcado, “a China é patriarcalista, Mao é presidente, Deus, Pai, Filho e Espírito Santo.” Enquanto isso, no Brasil, a “vida parlamentar era um tédio da solidão machista.” (ROCHA, s/d, p.3). O cinema finalmente chegou ao nível “matriarcalista que Oswald de Andrade queria ao mesmo tempo em que Cacá paria Xica.” (ROCHA, sem título, p.1-2). O nacionalismo defendido por Oswald é “anarco-matriarcal”. (ROCHA, sem título, p.3).⁴⁸

Quanto ao modernismo, Glauber se mostrava ciente do mito que se construiu sobre a Semana de Arte Moderna de 1922⁴⁹, ainda assim, após as leituras de Oswald e

⁴⁶ Uma mistura de inglês, francês e português que traduzindo seria algo como: “mas antes de Oswald Andrade não havia nenhum filósofo no país.”

⁴⁷ ROCHA, Glauber. *Tragédia Colonial*. In. Acervo Tempo Glauber, notação nº GR PI 0446.1-14 - subsérie “Artigos”, Pasta 28, s/d.

⁴⁸ ROCHA, Glauber. *Artigo sem título*. In. Acervo Tempo Glauber, notação nº BR TGL GR.0.PIN,ART.1366 - subsérie “Artigos”, s/d.

⁴⁹ Há um documento, uma entrevista, até onde pesquisei é inédita, realizada por Suzana, Johnny e Rodrigo (só constam os primeiros nomes), um documento com vinte e oito páginas. Glauber responde sobre o processo político brasileiro, as possibilidades da esquerda de chegar ao poder, a liberação sexual, o uso de drogas, o engajamento político e a questão da arte brasileira dos anos 50 aos anos 60, além de comentar sobre seus próprios filmes e relacioná-los com política e sociedade brasileira. Na página nove, Glauber trata de 1922, recorto aqui alguns trechos: “Ah, eu ia falar da mitológica Semana de Arte Moderna de

outros modernistas, o olhar antropofágico lhe dominava. Retomando a sua “Revyção Impressyonizta”, ao afirmar que as obras de Aleijadinho eram “o mais antropofágico ritual barroco tropicalista” (ROCHA, s/d, p.5), por mais que a frase seja absolutamente glauberiana, ela reproduz a tese que passou a ser defendida pelos modernistas, especialmente após a viagem a Minas Gerais em 1924, ocasião da “descoberta” de Aleijadinho.⁵⁰

Ainda que fosse crítico, o modernismo fora para Glauber um movimento social revolucionário, enquanto montava “A Idade da Terra” (segunda metade da década de 1970), escreveu um texto sem título, de teor histórico, de quase sessenta páginas. O ensaio discute criticamente a história brasileira desde a invasão holandesa até os anos de chumbo no Brasil, passando por Policarpo Quaresma, Lima Barreto, Os Sertões, Coluna Prestes, Modernismo, Semana de 1922, Anti-Kryzto, Gurarapes, Marquês de Pombal, Parayzo, Amazonas, Suicídio, Teztamento, barroco, tropicalismo, Juscelino Kubitschek, Inconfidência Mineira, Abolição e Dom Pedro II. Ao passar pela construção da identidade republicana no Brasil, constata a importância dos modernistas ao romper com a estética imperial.



Tratava-se de arrancar a última raiz do império encravado seca na República. Os modernistas resgataram o inconsciente coletivo, TUPY OR NOT TUPY (OSWALD) SERIA A QUESTÃO.(ROCHA,s/d, p.18).⁵¹

Chama, porém, a atenção para o fato de que tal ruptura não fora notada pela grande maioria das pessoas à época, teria sido a sua geração responsável por aprofundar

1922 em São Paulo, embora não seja um especialista no assunto. Li o livro de Mário Silva Brito, cheio de cartas e artigos, mas já esqueci tudo. Mestre nisto, além de Silva Brito é Antonio Candido. O que interessa aqui nesse papo é o seguinte: a Semana era a estética do café, a burguesia agrária paulista, misturada com emigrantes, deu o primeiro passo para a Revolução Industrial que ia provocar a Revolução de 30.” (...), “Como São Paulo era o Estado mais rico do Brasil, os estudantes eram informados e os artistas tinham meios para editar livros, fazer esculturas e organizar exposições.”(...). “Os aristocratas paulistas estavam entediados diante do subdesenvolvimento e o texto de Paulo Prado, ‘Retrato do Brasil’ é um dos documentos da época. Encontramos a relação entre o ciclo da tristeza e da vitalidade entre o culturalismo assexuado de Mário de Andrade e a liberação cultural de Oswald de Andrade, escrevendo o rádio sem ter rádio, o filme sem câmera, o teatro sem palco, a revolução sem povo, a genialidade sem comunicação. ROCHA, Glauber. *Tupyguarany Proibido no Brasil*. In. Acervo Tempo Glauber, notação nº GR.PI.0304.1-28-33 - Pasta 21, s/d.

⁵⁰ Este tema é tratado pelo autor em: *O viajante aprendiz – Mário de Andrade, a expansão do Modernismo e a integração do Brasil*, in: *Contrapontos: ensaios sobre interpretações do Brasil*, Carmen Felgueiras (Org.), Rio de Janeiro, Gramma Editora, 2022. Trata-se da viagem de alguns modernistas em 1924 pelo interior de Minas Gerais, entre os quais estariam Tarsila do Amaral, Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Olívia Penteadó e Blaise Cendrars (poeta francês amigo de Oswald e Paulo Prado). A viagem teria servido para inspirar Oswald a escrever o livro *Pau Brasil*, dedicado a *Blaise Cendrars*, “por ocasião da descoberta do Brasil – não a cabralina, de 1500, *bien sûr*, mas a de 1924, *blaisoswaldiana*.” (ANDRADE, 2003,p.97).

⁵¹ ROCHA, Glauber. *Artigo sem título*. In. Acervo Tempo Glauber, notação nº BR TGL. GR.0.PIN,ITE.2.1249 - subsérie “A Idade da Terra”, s/d.

a “fratura da Semana de Arte Moderna de 1922” (Rocha,s/d, p.2)⁵², ao se embebedar no “escandaloso modernismo mariosvaldino.” (p.3). Apesar do “mariosvaldino”, Mário de Andrade pouco aparece na produção intelectual de Glauber, em algumas poucas exceções, há citações à Macunaíma, em outras, Mário aparece ao lado de Oswald, além disso, Guimarães Rosa é adicionado ao lado dos modernistas como referência.

Os artistas e raros cientistas sacaram da seiva filosófica nativa que divergia estruturalmente das filosofias estrangeiras. O TUPY OR NOT TUPY brandantropófago de Oswald, retumbava em nossos ouvidos cansados da cultura colonial e despertávamos ao som das baquianas de Villa Lobos, nos grandes sertões de Guimarães Rosa. (ROCHA, s/d, p.3-4).⁵³

A presença de Guimarães Rosa, como uma espécie de continuação da ruptura modernista que teria posto as “velhas formas literárias por terra” (ROCHA, s/d, p.4), aparece em uma entrevista ao Jornal do Brasil em que, segundo o cineasta, Guimarães, “mantém a máxima de Oswald de Andrade: 'A revolução literária no Brasil tem que nascer da contribuição milionária de todos os erros e grandezas'”(ROCHA,1978).⁵⁴

Mesmo admitindo que a geração de 1920 dera início à construção de uma nova identidade nacional, rompendo com àquela que estava atrelada ao Brasil imperial, Glauber cogitou um outro desfecho para a Semana de 1922.

imaginem o sucesso da Semana de Arte Moderna se Oswald fosse mesmo porradieiro sáise e lesse o Manifesto Comunista e evocasse a revolução de Giordano Bruno e Galileo Galilei, Revolução Francesa a luta de classes desenvolvida dentro do capitalismo.(ROCHA, s/d, p.44).⁵⁵

TRANSE FINAL

Um olhar mais atento aos textos de Glauber e aos usos (ou apropriações) que este fez de Oswald, por sinal, bem maiores do que os recortes que eu trouxe nestas linhas, permite-nos inferir que o cineasta/intelectual era um antropófago consciente. Aproprio aqui da obra de Suely Rolnik, “Antropofagia Zumbi” (2021), que ao discutir como o neoliberalismo forjou formas de subjetivação próprias, diferente do que se

⁵² GLAUBER, Rocha, *Quarta-feira de cinzas*. In: Acervo Tempo Glauber, notação nº GR.PI.1288.1-5 - Pasta 87,s/d.

⁵³ Idem.

⁵⁴ ROCHA, Glauber. *O jagunço Glauber Rosa pede licença ao coronel Guimarães Rosa*. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 15 de junho de 1978, Caderno B, p. 10. Entrevista concedida a Maria Lucia Rangel. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/030015_09/127319.

⁵⁵ ROCHA, Glauber. *O Adamastor*. In: Acervo Tempo Glauber, notação nº GR.PI.0798.1-198 - pasta 46, s/d.

configurou no liberalismo, ao criar mundos *prêt-à-porter*, fazendo com que a “unidade individual moderna” fosse substituída pela “multiplicidade e o devir.” (p.50).

Como um “antivírus” para essa “doença”, a autora nos propõe um retorno a duas cenas míticas sobre a constituição do Brasil, trata-se de duas histórias de banquetes antropofágicos. O primeiro, diz respeito a captura do Bispo Sardinha, devorado pelos caetés, o outro é sobre o mercenário alemão Hans Staden, que após ser mantido por meses como prisioneiro pelos Tupinambás, os nativos desistiram de devorá-lo. As duas respostas distintas ao colonizador são a questão aqui: o primeiro é devorado porque se quer se apropriar de sua força e bravura, enquanto o segundo é dispensado pelo seu baixo grau de potência. (p.17-18). Para escapar a antropofagia zumbi e resistir a esses tipos de banquetes sedutores dos mundos *prêt-à-porter*, é urgente e necessário, um retorno à sabedoria dos nossos povos originários. É preciso entrar em contato com vozes dissonantes, de modo que se construa um *know-how* que nos permita discernir-distinguir o que deve e o que não deve ser engolido (p.88).

Glauber encontrou em Oswald a consonância-dissonância apropriada a seu projeto.



Osvaldandrade escreveu poesia, romance, teatro, crítica e filosofia original, fenômeno brasileiro que supera tudo que antiga musa canta—Pois Osvandandrade come a cultura mundial e a defeca no Brasil. Fezes essenciais da épica/lírica - pura significação nascente. (ROCHA, s/d? p.4).

Recusando tanto as formas de subjetivação liberais, quanto as ditas socialistas, comeu o que lhe era apazível, vomitando e defecando o que queria e como queria, recusando ser dono de qualquer verdade. Sabia que sua antropofagia tinha um custo, mas também sabia que “somente da consciência em chagas nascerá alguma coisa.” (ROCHA, s/d? p.4).⁵⁶

REFERÊNCIAS

AMADO, Jorge. *Bahia de todos os santos*. 40. ed. Rio de Janeiro: Record, 1996;

ANDRADE, Oswald de, 1890-1954: *obras completas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1970, p.75-138.

⁵⁶ GLAUBER, Rocha, *Quarta-feira de cinzas*. In. Acervo Tempo Glauber, notação nº GR.PI.1288.1-5 - Pasta 87,s/d.

_____. *Pau Brasil*. 2 ed. São Paulo: Globo, 2003.

ARAÚJO, Mateus. *Glauber Rocha e o re-nascimento dos deuses*. In: Mateus Araújo. (Org.), 1ed. Belo Horizonte: Fundação Clóvis Salgado, 2019, v. 1, p. 8-22.

_____. *Figurações da História no Glauber Rocha maduro*. In: AGUIAR, Carolina Amaral; CARVALHO, Danielle Crepaldi; MORETTIN, Eduardo; MONTEIRO, Lúcia Ramos e ADAMATTI, Margarida Maria (Orgs.). (Org.). *Cinema e História: circularidades, arquivos e experiência estética*. 1aed. Porto Alegre: Sulina, 2017, v. , p. 62-89.

ARTAUD, Antonin. *Van Gogh: o suicida da sociedade*. Tradução: Ferreira Gullar. Rio de Janeiro: José Olympio, 2003, p. 53.

BENTES, Ivana. *Terra de fome e sonho: o paraíso material de Glauber Rocha*. <http://www.bocc.ubi.pt/pag/bentes-ivana-glauber-rocha.html>, consultado em, v. 20, n. 6, p. 2012, 2002.

CANDIDO, Antonio. *Vários Escritos*. 2ªed, São Paulo: Duas Cidades, 1977.

_____. *Os dois Oswalds*. In: Recortes. São Paulo: Companhia das letras, 1993.

CARDOSO, M. R. *Encontros fantásticos de Glauber e Guimarães Rosa*. Matraca (Rio de Janeiro) , Rio de Janeiro, v. 17, p. 109-118, 2005.

CARVALHO, Bruna Carolina Domingues dos Santos. *Memórias inaparentes: Glauber Rocha, leitor de Mallarmé*. 2019. www.revistafenix.pro.br

_____. *Ecos modernistas no Cinema Novo ou Glauber Rocha, leitor de Antropofagia de Oswald de Andrade*. Cadernos de Literatura, N.º 46 - 06/ 2022 | 99-117 - ISSN 2183-2242 / <http://dx.doi.org/10.21747/21832242/litcomp46a>.

CARVALHO, Jonatas C. de. *O viajante aprendiz*. Mário de Andrade, a expansão do modernismo e a integração do Brasil. In: FELGUEIRAS, Carmen (Org). *Contrapontos: ensaios sobre interpretações do Brasil*. Rio de Janeiro: Anagrama, 2022.

FERREIRA, Bruna Machado et al. *Invenção em trânsito/transe: Glauber Rocha, Hélio Oiticica e Tropicália*. 2013.

FROSCH, Friedrich. *Herdeiros da Antropofagia Oswaldiana: Glauber Rocha e Joaquim Pedro de Andrade através de seus cantos de cisne: A idade da terra e O homem do Pau-Brasil*. Glauber Rocha e as culturas na América Latina, p. 105-135, 2011.

GOMES, J.Carlos Teixeira. *Glauber, esse vulcão*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

RISERIO, Antonio. *Caymmi: uma utopia de lugar*. São Paulo: Perspectiva, 1993.

ROLNIK, Suely. *Antropofagia zumbi*. São Paulo: n-1 edições, 2021.

ROCHA, Glauber. (Org. Ivana Bentes) *Cartas ao Mundo*. São Paulo Companhia das Letras, 1997.

ROCHA, Glauber. *O jagunço Glauber Rosa pede licença ao coronel Guimarães Rosa*. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 15 de junho de 1978, Caderno B, p. 10.

PIERRE, Sylvie. *Glauber Rocha: textos e entrevistas com Glauber Rocha*. Campinas, Papirus, 1996.

VERAS, Denise. *Riverão Sussuarana; o parto de um mente exótica*. *Revista Revestres*, Ed.23, Disponível em: <https://revistarevestres.com.br/artigos/riverao-sussuarana-o-parto-de-uma-mente-exotica/#:~:text=O%20personagem%20River%C3%A3o%20Sussuarana%20%C3%A9,que%20ta mb%C3%A9m%20assume%20variadas%20formas>

XAVIER, Ismail. *A invenção do estilo em Glauber Rocha e seu legado para o cinema político*. In: *Glauber Rocha e as culturas na América Latina*. Frankfurt am Main 1. Aufl. 2011. TFM, p.15-26.

_____, *Sertão Mar: Glauber Rocha e a estética da fome*. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

FONTES ARQUIVO GLAUBER.

ROCHA, Glauber. Poema sem título, In: *Acervo Tempo Glauber*, notação nº: GR.PI.0115.1-1, subsérie “Poesias”, s/d.

_____. Assim falou Zaratustra, In: *Acervo Tempo Glauber*, notação nº GR.PI.0106.1-22-23, Pasta 09, s/d.

_____. *Literatura & Brasil*. In: *Acervo Tempo Glauber*, notação nº BR TGL GR.0.PIN,ART.918, subsérie “Artigos”, s/d.

_____. O Adamaztor. In: *Acervo Tempo Glauber*, notação nº GR.PI.0798.1-198 - pasta 46, s/d.

_____. *Revisão Impressyonizta da Poesya Brasyleyra*. In: *Acervo Tempo Glauber*, notação nº GR PI 0163 1-20, Pasta 13, s/d.

_____. Sem título. In: *Acervo Tempo Glauber*, notação nº GR.PI.1105.1-3 subsérie “Romances”, Pasta 64, s/d.

_____. Sem título. In: *Acervo Tempo Glauber*, notação nº BR TGL GR.0.PIN,ANO.1343, subsérie “Anotações”, s/d.

_____. KAPYTU, In: *Acervo Tempo Glauber*, notação nº GR.PI.1179.1-10, subsérie “Artigos”, Pasta 76, s/d.

_____. Saudade. In: Acervo Tempo Glauber, notação n° GR.PI.0529.1-1 - subsérie “Poemas”, Roma, 1973.

_____. Entrevista sem título. In: Acervo Tempo Glauber, notação n° GR PI 0465 1-4 - subsérie “Entrevistas”, 1976.

_____. Sendo sem querer ser. In: Acervo Tempo Glauber, notação n° GR.PI.0589.1-1 - subsérie “Poemas”, 1973.

_____. Folklore. In: Acervo Tempo Glauber, notação n° BR TGL. GR.0.PIN,ESA.3.13.20 - verso - subsérie “Escritos autobiográficos”, s/d.

_____. Guerra e Paz. In: Acervo Tempo Glauber, notação n° GR.PI.0455.1-13 - subsérie “Artigos”, s/d.

_____. Panfleto. In. Acervo Tempo Glauber, notação n° GR.PI.0457.1-9 - subsérie “Artigos”, Pasta 28, s/d.

_____. Tragédia Colonial. In. Acervo Tempo Glauber, notação n° GR PI 0446.1-14 - subsérie “Artigos”, Pasta 28, s/d.

_____. Artigo sem título. In. Acervo Tempo Glauber, notação n° BR TGL GR.0.PIN,ART.1366 - subsérie “Artigos”, s/d.

_____. Artigo sem título. In. Acervo Tempo Glauber, notação n° BR TGL. GR.0.PIN,ITE.2.1249 - subsérie “A Idade da Terra”, s/d.

_____. Quarta-feira de cinzas. In. Acervo Tempo Glauber, notação n° GR.PI.1288.1-5 - Pasta 87,s/d.

RECEBIDO EM: 22/02/2023
PARECER DADO EM: 19/06/2023